

Susana Kramer de Mesquita Oliveira¹ Maria Inês Gandolfo Conceição²

Resumo

O trabalho apresentará a pesquisa de doutorado da autora, 'Afetividade da família migrante: um estudo sociodramático' (UnB, 2008), cujo objetivo principal foi compreender o processo de reorganização interna ('familiaridade') e de pertença social de famílias que migraram do nordeste do Brasil (Ceará) para a capital brasileira (Brasília), por razões profissionais. A pesquisa se fundamentou no arcabouço conceitual e na proposta metodológica da Socionomia (Jacob Levy Moreno), que têm se mostrado um importante instrumento para análise de grupos em processo de transformação. Os sujeitos foram duas famílias de classe sócio econômica média, que participaram, em grupo, de quatro sessões de sociodrama temático: 1. Dinâmicas de pertencimentos e imagens idealizadas de família, 2. Historiódrama da migração, 3. Sociometria da migração, 4. Perspectivas futuras da família migrante. O presente trabalho tem como objetivos: 1. Apresentar os principais conceitos que nortearam a problematização da pesquisa; 2. Discutir o alcance do Sociodrama como método de pesquisa qualitativo; 3. Apresentar o quadro "análise do pertencimento" elaborado na discussão da tese, a partir dos aspectos críticos da experiência dos sujeitos; 4. Estabelecer elementos comuns para a investigação de novos fluxos migratórios contemporâneos, no Brasil e mundo.

Palavras-chave: Migração; Família; Pertencimento; Socionomia.

Abstract

The paper presents the author's doctoral research, "Migrant family affection: a Sociodramatic study" (UnB, 2008), whose main objective was understanding the internal reorganization ('familiarity') and social belonging of families who migrated from northeastern Brazil (Ceará) to the Brazilian capital (Brasília), for professional reasons. The research was based on the conceptual framework and methodological proposal of Socionomy (Jacob Levy Moreno), which have been an important tool for analysis of groups in the process of transformation. The subjects were two families of middle socioeconomic class, who participated in four sessions of thematic Sociodrama in group: 1. Dynamics of belongings and idealized family images, 2. Historical drama (drawing) of the migration, 3. Sociometry of the migration, 4. Future perspectives of the migrant family. This study aims to: 1. introduce the main concepts that guided the problematics of research; 2. discuss the scope of Sociodrama as a qualitative research method; 3. display the table "belonging analysis", presented in discussion of the thesis, from the critical aspects of the experience of the group; 4. establish common elements for the investigation of new contemporary migratory movements in Brazil and the world.

Keywords: Migration; Family; Belonging; Socionomy.

¹ Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Programa de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenadora do L'ABRI: Laboratório de Relações Interpessoais – UFC. E-mail: susanakmo@gmail.com.

² Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. E-mail: inesgand@unb.br.

PERTENCIMENTO, LUGAR E TEMPO

O tema da migração combina as categorias tempo e lugar, de modo a expor elementos críticos sobre transitividade, pertença e identidade, demandando conceitos e métodos de investigação que deem conta de acessar fenômenos caracterizados por dinamicidade e transformação. Nessa reflexão, a autora parte de sua pesquisa “*Afetividade da família migrante: um estudo sociodramático*”, realizada com duas famílias compostas por sete nordestinos que migraram da cidade de Fortaleza para a região centro oeste (cidade de Brasília), tendo como principal objetivo compreender as transformações identitárias que o grupo familiar experimentou em sua história de migração.

Na busca de compreensão dos processos de identidade em jogo, verificou-se a centralidade das categorias de análise advindas da Socionomia (Jacob Levy Moreno, 1889-1974), como a teoria da Matriz de Identidade e os seus processos associados de Pertencimento e Diferenciação, bem como os conceitos de Circularidade Afetiva e Expansividade Social.

A Matriz de Identidade, conceito básico da teoria moreniana, evidencia um movimento complementar no desenvolvimento humano-relacional marcado pela concomitante experiência de *pertencer a x se diferenciar de*. Este processo pode se polarizar e, em um extremo, a pessoa se tornaria refém de outros e, no outro, negaria a sua condição de ser relacional. As vivências comunitárias em geral, e, de um modo particular, as familiares, são bons representantes desse típico paradoxo: laços afetivos que prendem e/ou dão segurança (Bauman, 2003).

O referido paradoxo do desenvolvimento relacional se expressa em momentos e em movimentos particulares (Oliveira, 2003). Primeiramente, o movimento diádi-

co (*eu-tu*) implica em três diferenciações específicas: do *eu*, do *tu* e da relação *eu-tu* que se estabelece. Depois, segue-se o movimento triádico, o qual parte de uma relação diádica desafiada pela inserção de uma terceira pessoa (*ele*); a *convergência* (Oliveira, 2008) ao *tu* possibilitará o novo arranjo relacional (a tríade), implicando na inserção dos *eus* e *tus* possíveis envolvidos. Outras dimensões circulares (envolvendo três ou mais integrantes) podem ser pensadas a partir dessa quadro explicativo.

Neste sentido, as transformações que uma pessoa ou um grupo experimenta em sua capacidade de se relacionar, se dão em meio aos modos de organização dos relacionamentos, possibilitando (ou não) a construção de uma dinâmica tipicamente grupal – a afetividade circular, que, no caso da família, denomina-se *familidade (ibid)*. Isto quer dizer que, um grupo de pessoas pode não apresentar características de grupalidade em sua afetividade, pois suas ações interpessoais ou intergrupais podem não estar dirigidas à relação em si. Assim, mesmo que a família seja sempre um grupo no sentido de sua constituição visível (caracterizada por sua agregação, seus hábitos em comum, padrão comunicacional, etc.), poderá não vivenciar a afetividade em sua condição tipicamente grupal, situação intrínseca à *circularidade afetiva* (Fonseca Filho, 1980; 1996).

Os afetos são dimensões fundamentais para se compreender os modos de relacionamento, pois denotam uma experiência interpessoal (o modo como as pessoas se *afetam* mutuamente), diferentemente de outras categorias que denotam experiências eminentemente individuais, como emoções, desejos, sentimentos. Moreno (1992) argumenta que o ser humano está sempre em desenvolvimento, não só em sua condição física ou cognitiva, mas também em sua capacidade de se relacionar afetivamente, o que se dá no domínio da

reciprocidade. Quando os sentimentos que afetam uma pessoa são provocados pelos atributos reais da outra pessoa, ocorre *tele*. Quando os sentimentos são afetados por aspectos que não fazem parte do intercâmbio em jogo, ocorre *transferência*. O processo *tele* deve ser o principal fator que oriente a posição de um indivíduo no grupo, inclusive os seus movimentos de rejeição e de atração (as suas escolhas sociométricas). A experiência dirigida por *transferência* promoverá o adoecimento intra e intersíquico.

Assim, Moreno (1983) propôs, a partir da teoria da Matriz de Identidade, a compreensão de um processo que, ao mesmo tempo, contempla o desenvolvimento da autonomia do sujeito e do domínio tético na relação em que está inserido. O autor explica que, inicialmente, o bebê (protagonista), pelo contato com o corpo da mãe, apreende suas necessidades e expectativas, e desenvolve a base para o intercâmbio futuro com seus ego auxiliares (coadjuvantes), através de um primeiro tipo de desempenho de papéis, que denomina de *papeis psicossomáticos*. Os *papeis sociais* correspondem às funções sociais assumidas pelo indivíduo, por intermédio dos quais se relaciona com o meio. Por fim, através dos *papeis psicodramáticos*, a pessoa pode expressar, espontaneamente, a dimensão psicológica do *eu*, e fazer uso de sua atividade criadora.

Moreno se indagou “(...) sobre a evolução e organização de grupos e a posição dos indivíduos nos mesmos” (Moreno, 1992, p. 157), integrando uma visão objetiva e subjetiva do homem em contexto relacional, visando à compreensão das relações humanas. Neste contexto, Martin (1978) pontua que é possível caracterizar o átomo social “(...) através de qualidades que o afetam mais diretamente” (p. 167), como: a intensidade com que o indivíduo é aceito ou rejeitado, o equilíbrio entre as escolhas e rejeições que o indivíduo faz e recebe, a dinamicidade e transformações nas respostas de atração e rejeição, a *expansividade*

social (avaliada pelo número de indivíduos com quem a pessoa se relaciona), dentre outras.

A combinação entre espontaneidade e criatividade e o fator *tele* promovem a experiência de desenvolver uma posição/papel que expresse a singularidade do sujeito em suas relações, bem como a singularidade dessas relações e dos grupos constituídos. Moreno (1992) define esse processo em três etapas: *role taking* (em que o sujeito desempenha o papel tal como está dado socialmente), *role playing* (em que o protagonista joga o papel com o seu complementar, identificando suas escolhas sociométricas e exercitando a expressão espontânea dos sentimentos que experimenta) e *role creating* (em que assume um modo singular de se posicionar diante do outro e de complementá-lo). Assim, os contratos sociais podem definir comportamentos específicos no grupo, mas serão os fenômenos da *circularidade e da expansividade afetivas* que estabelecerão as dinâmicas das relações e dos papéis, bem como a identidade grupal, como reflexo das vivências sócio afetivas de seus membros.

Para Fonseca Filho (1996), a Matriz de Identidade oferece um esquema compreensivo (e não explicativo causal) do desenvolvimento humano e, como tal, não deve ser utilizada para explicar atitudes e sintomas das pessoas e grupos, mas para compreender suas vivências. O autor sugere que a Matriz de Identidade apresenta o desenvolvimento humano em fases móveis, em espiral, e não em etapas lineares. Os estágios são: 1) simbiose, 2) triangulação, 3) reconhecimento do *eu*, 4) reconhecimento do *tu*, 5) circularidade. O autor lembra que a fase de triangulação inicia-se antes do reconhecimento do *eu* e do *tu* – pois o terceiro ajuda a desfundir a simbiose – e conclui depois das fases citadas.

Assim, pessoas e grupos evoluem de estruturas mais simples para estruturas mais complexas, formando díades, triângulos e cadeias, de acordo com os níveis

alcançados de diferenciação sócio afetiva (Moreno, 1992). Os níveis de desenvolvimento e socialização individuais interferem diretamente nos processos de organização grupal e na sua dinâmica, a qual, uma vez estabelecida, exercerá, igualmente, forte influência sobre as possibilidades de desenvolvimento individual.

Moreno (1993) analisa o desenvolvimento da estrutura grupal e propõe quatro fases de interação e integração progressivas, conhecidos como estágios de organização da sociabilidade individual e grupal. São elas: 1) a *fase amorfa*, indiferenciada (pré socialização); 2) a *fase de conhecimento recíproco*, de reconhecimento grupal, de interação em díades (primeira socialização); 3) a *fase de ação*, de triangulação, de fracionamento e de organização de subgrupos (segunda socialização); 4) a *fase de relações mútuas*, de circularização-inversão, de integração grupal e sócio afetiva (socialização propriamente dita).

Na primeira fase, o sujeito se isola, a *tele* é insipiente, não há capacidade de organização grupal e de realização de escolhas sociométricas, nem o sentimento de pertença ou a consciência das relações sociais, mesmo havendo proximidade física ou espacial. Muitos grupos, inclusive familiares convivem sob um embotamento da vivência interpessoal, como desconhecidos, sem estabelecer vínculos afetivos ou sociais, estabelecendo preconceitos socioculturais, etnocentrismos, egocentrismos e até grupos de psicóticos.

Em seguida, vem a fase de ação e de conhecimento recíproco, sendo uma etapa de socialização em que os contatos ainda são superficiais e passageiros, não havendo diferenciação para o contato e as escolhas sociométricas propriamente grupais, mas apenas para estabelecer relações em díades; mesmo assim, o grupo se fortalece, tornando-se mais uniforme e coeso, concentrando-se em um objetivo comum, mas baseado em critérios socioculturais pouco

diferenciados, o que é importante para que possa enfrentar o seu fracionamento em subgrupos.

Quando o grupo alcança o estágio de socialização, busca manter o processo de diferenciação horizontal e vertical, e segue em direção à estabilidade do grupo, mediante vivências de integração grupal e de consciência sociométrica, expandindo as relações sócio afetivas (a *tele* grupal). Neste processo, ocorrem diferenciações de afeto e socioculturais, as quais proporcionam ao grupo tanto uniformidade, como fracionamento (verticalização), o que permite ao grupo a identificação de classes sociais, papéis, interesses e afetos, e também a criação de diferentes redes sociométricas.

O interesse moreniano não está na família propriamente dita, mas na sociometria como um todo, o que confere dois sentidos ao construto de família nesta abordagem: a família como matriz (de identidade) recebedora do bebê que nasce e a família como núcleo de pertença constituído por escolhas livres (que Moreno denomina de família sociométrica). Na presente pesquisa, evidencia-se uma terceira possibilidade de aplicação do modelo moreniano às questões de pertença nuclear/ familiar: a família reconstruída após migração. Todas têm funções nucleares específicas na troca com os contextos sociais mais amplos.

Assim, a desterritorialização e reterritorialização vivenciadas por famílias migrantes revestem-se de novos aspectos psicossociais, com seus significados estruturantes, relacionados tanto aos processos de subjetivação, como de intersubjetivação e de *famíliação*. Nestes âmbitos, a afetividade tem sido apresentada como categoria mediadora de análise, aquela que promove em que se percebem as transformações no processo (González-Rey, 2000; Sawaia, 1999; Oliveira, 2003).

Como se viu, a Socionomia se expressa dentro de uma lógica de contiguidade

de psicossocial, identificando vários níveis sociais contíguos enquanto espaço relacional configurado sociometricamente. Moreno (1992) investe na elaboração de um complexo sociograma em que o sujeito se insere, identificando diversas estruturas sociométricas, como o **Átomo Social** (a menor unidade social), Moléculas (o conjunto de vários átomos), Socióides (a aglomeração de moléculas ligadas a outras aglomerações), Classóides (formados pela interpenetração dos socióides e pela contra partida sociométrica das classes sociais) e as Redes Sociais (formadas pelas interações entre socióides e classóides). Na família também, há níveis concêntricos de pertencimento desde a díade mãe-filho e outras dimensões nucleares de pertença, chegando até as dimensões sociais mais expandidas referentes a diversos agrupamentos sociais, territoriais e mesmo o planeta e a humanidade, nos quais o ser humano vai se inserindo e sendo transformado, pertencendo e se diferenciando.

Os átomos sociais não se limitam aos indivíduos que participam deles, mas há outros átomos que se conjugam, formando complexas cadeias de inter-relações, designadas redes sociométricas. Estas, por sua vez, permitem que os indivíduos mais diferenciados de uma coletividade adquiram maior liberdade, superando seus limites. Estes indivíduos tendem a ultrapassar as barreiras do seu grupo e buscar outras relações (Monteiro, 2006). Neste sentido, pode-se entender a condição das famílias e dos seus membros – pertencentes (ou não), diferenciados (ou não), socializados (ou isolados em si mesmos) –, no que diz respeito às experiências de inserção sócio cultural e à construção de uma afetividade circular/grupal/familiar, em referência ao lugar de onde partiu ou àquele em que fixou a nova residência.

As diversas configurações sociais indicadas por Moreno (1992) evidenciam a contiguidade, dialeticidade e circularidade

dos processos relacionais, sendo as dinâmicas de pertencimento e diferenciação o fundamento destes, as quais revelam as dimensões subjetiva e intersubjetiva das pessoas (em suas relações). Entende-se, assim, e de acordo com os princípios sicionômicos aqui expressos, que a interação social, na visão moreniana, se desenrola a partir de recortes de pertença territorial, relacional e vincular, em que dramas interpessoais, em permanente transformação, se expressam por diferentes modos de escolher e de implementar projetos dramáticos, bem como de protagonizar histórias que são, ao mesmo tempo, pessoais, relacionais e culturais. A avaliação de grupos pela Sociometria moreniana permite, segundo Knobel (2001), evidenciar um conjunto de relações afetivas, mapear estas relações a partir de papéis, e definir, qualitativamente, a menor unidade social viva, tendo sempre duas direções de análise – do indivíduo para o grupo e do grupo para o indivíduo.

A ANÁLISE DO PERTENCIMENTO EM FAMÍLIAS MIGRANTES

O estudo da migração como processo de desenraizamento e reenraizamento afetivo-social em diferentes contextos sociais, culturais e geográficos, pode se beneficiar da aplicação de tais conceitos sicionômicos, e, para tanto, este artigo vem associar a *familidade* (circularidade afetiva intrafamiliar) à compreensão do pertencimento-diferenciação de famílias migrantes.

Moreno (1993) indica, inicialmente, quatro possibilidades sociométricas, marcadas por cada uma das seguintes respostas ao pertencimento: aceitação, rejeição e indiferença ou ambivalência. Em se tratando da família migrante, há, pelo menos, dois lugares envolvidos: o de partida/de origem e o de chegada/de destino. A relação com lugares envolve afetividade e escolhas sociométricas, e, como nas escolhas

interpessoais, é fundamental a capacidade de lidar com características interculturais diferenciadas, ampliando-se os critérios de escolha que possam favorecer não somente a percepção recíproca, mas também a mutualidade.

Segundo Oliveira (2008), das quatro respostas vinculares possíveis previstas por Moreno, duas são anteriores a uma decisão vincular (a indiferença e a ambivalência) e duas marcam uma verdadeira decisão dirigida à relação (aceitação, rejeição). A experiência dos protagonistas da pesquisa revelou três dimensões da vinculação ou inserção sócio afetiva: a *dimensão da contiguidade relacional* (referente à combinação afetiva entre os parentes/antecedentes, a própria família e o lugar de pertença), a *dimensão transitiva* em que as transformações e as decisões vinculares estão sendo elaboradas e a *dimensão continuada*, que indicam posicionamentos diante das histórias pregressa, atual e futura da família, incluindo os processos de transgeracionalidade em que se observa a relação entre geratividade e identidade familiar.

Tendo como referência de tempo a migração, a pesquisa acessou três momentos da sociometria familiar (o anterior à migração, o atual e o futuro pretendido) e três lugares de pertença da família (Fortaleza, Brasília e algum lugar futuro que fosse indicado), revelando as possibilidades sociométricas de escolha de lugar, a partir das atitudes diferenciadas em relação ao pertencimento da família migrante, conforme quadro abaixo.

Quadro 1. Análise do pertencimento: atitudes diferenciadas em relação ao pertencimento da família migrante

Fonte: Oliveira, S. K. de M. (2008). *Afetividade da família migrante: um estudo sociodramático*.

Tese de doutorado. UnB: Distrito Federal.

Sucintamente, no processo de desligamento das famílias de sua terra natal e das vinculações que estabeleceram com a cidade-destino, as atitudes frente a esses pertencimentos incluíram as seguintes possibilidades:

- 1) Não ter-se tomado ainda a decisão afetiva de pertencer a qualquer lugar (“Negação de Pertencimento”);
- 2) A ocorrência dos atos afetivos interpessoais com o valor sociométrico (considerados preparatórios para as decisões de convergência afetiva interpessoal e de adoção de um lugar de pertença), não se tendo, todavia, uma definição específica do possível lugar a ser eleito (“Busca Generalizada de Pertencimento”);
- 3) A ocorrência de atos afetivos já tendo definido lugar específico em relação ao qual se vivenciam as convergências afetivas e a escolha da nova pertença social (“Busca Específica de Pertencimento”);
- 4) A ocorrência das convergências afetivas dirigidas ao retorno ao lugar de origem, que não é aquele no qual se vive atualmente, sendo, por isso, uma escolha não-recíproca, não-congruente (“Pertencimento Específico Não-congruente”);
- 5) A ocorrência de convergências afetivas dirigidas ao lugar em que se está e se precisa viver atualmente (“Pertencimento Específico Congruente”);
- 6) O duplo-pertencimento aos lugares de origem e de destino (“Pertencimento Estendido Específico”);
- 7) Afetivamente, a família está *aberta ao mundo* para novas relações e culturas (“Pertencimento Estendido Contínuo”).

Entende-se que, no tema da migração, está em jogo a compreensão sobre a apropriação (*aceitação*) ou não (*rejeição*), ou ainda a pseudo apropriação (*indiferença*) do novo lugar de pertença por parte do grupo familiar migrante, campo em que se estabelecem também as dinâmicas reconstitutivas dos laços de filiação, bem como do sentimento de se ser família (*família*). Este processo se dá em um contexto paradoxal de construção de uma afetividade ambivalente que media os interditos típicos da experiência de transição do pertencimento social (Oliveira, 2008).

A *negação do pertencimento* refere-se à resposta de indiferença diante do processo de escolha de lugar, ao não investimento vincular, motivado por resistências às mudanças relacionais.

Na condição de *busca de pertencimento* (seja de uma forma *generalizada* ou *específica*), o pertencimento não é negado, mas também os afetos não são dirigidos a algum lugar específico; falta o enfrentamento das convergências relacionais e de suas implicações conflituosas e transformacionais.

Já o *pertencimento específico não-congruente* pode ser referido como uma busca de lugar que já foi eleito, cujo investimento afetivo não é dirigido ao presente, e sim, ao futuro e a partir da referência a um passado vivido (e): por exemplo, “*um dia, voltar a Fortaleza*”. Por isso, esta situação se reveste de grande possibilidade de vínculo transferencial.

O *pertencimento específico congruente*, por sua vez, diz respeito à filiação no tempo presente, em que a escolha se dá a partir do contexto relacional vivenciado no cotidiano da vida familiar. Isto é, o *pertencimento estendido específico* refere-se à sintonia entre filiações passada e presente; o *pertencimento estendido contínuo* acontece quando se obteve tal condição e, de alguma forma, se está pronto a estendê-la ain-

da mais, tanto a pessoas como a lugares que podem vir a participar do transcurso da história de suas vidas, implicando em um processo de filiação cada vez mais circular e ampla. Estes envolvem aspectos de continuidade e identidade familiar.

Neste sentido, observa-se, no Quadro 1, um “*continuum* sócio emocional de relações”, tal como evidenciado por Moreno (1994, p. 120) como ponto unificador do encontro indivíduo-sociedade. A importância desse quadro conceitual de análise aplicado ao estudo de famílias migrantes se expressa enquanto possibilidade de análise do modo singular e processual como as famílias se reorganizaram afetivamente a partir de seus processos específicos de grupalização.

CONTRIBUIÇÕES DA SOCIONOMIA AO ESTUDO DE GRUPOS EM TRANSIÇÃO

O valor do presente estudo repousa na construção de categorias particulares de análise indicadas nos quadros analíticos propostos, os quais podem ser tomados como ferramentas de análise para uso em temáticas e contextos semelhantes. A partir destes, foram estudadas as referências sócio culturais antes e depois da migração, com a própria relação familiar, possibilitando a compreensão sobre a experiência de migração familiar em relação aos processos de pertencimentos sociais e à *família*.

A compreensão moreniana (Moreno, 1992) de que os padrões de afetividade, os vínculos relacionais e as inserções sócio culturais se expressam em “(...) *dinâmicos agrupamentos sociais de crescimento histórico*” (p. 183), confere, igualmente, à categoria do pertencimento o lugar de fator mediador, catalisador, possibilitando a organização da compreensão, intervenção e análise da pesquisa dirigida às relações interpessoais (González-Rey, 2000).

Na presente pesquisa, o conceito de circularidade afetiva levou à construção da ideia de *familidade*, a qual dirigiu as percepções sociodramáticas e a busca de significados frente ao processo de pertencimento social e de diferenciação das famílias em seus processos migratórios.

O conceito de *convergência interpessoal* trouxe relevo aos processos ocorridos no interior da *tele*, indicando os elementos afetivos – além dos elementos perceptivos, cognitivos e culturais – que estão em jogo na vinculação interpessoal, na complementaridade dos papéis, na resolução das ambivalências afetivas em diversos âmbitos da relação humana. No contexto da migração, o conceito traz relevo ainda às questões de adoção de lugar e da expansividade afetiva frente aos desafios da multiplicação dos pertencimentos sócio culturais.

Associou-se à amplitude no tratamento do tema a força do princípio-motor das investigações, no plano teórico, a saber, a dinâmica *pertencimento-diferenciação*, estabelecendo o processo migratório em uma dimensão de natureza dramática e dialética, contemplando elementos paradoxais e ambivalentes da experiência dos sujeitos.

Neste sentido, pode-se dizer que a dinâmica *pertencimento a x diferenciação de*, vivenciada pelas famílias, parece ser maximizada na vivência migratória, permitindo a retomada histórica do lugar de origem até o lugar atual, o que anteciparia a percepção da continuidade histórica frente a novos pertencimentos, mobilizaria a convergência afetiva, a adoção mútua entre família e o novo contexto sócio cultural, e o reconhecimento (diferenciação) das relações singulares envolvidas – a saber, família e cidade.

No campo do significado histórico-contextual atual dos processos migratórios, a pesquisa, a partir de aspectos sócio afetivos, proveu reflexões a respeito das

evidências cultural-ideológicas, da natureza dos processos, das atitudes e das concepções do pertencimento, dos processos constituídos afetivamente, do papel das dinâmicas compensatórias, da relação entre pertencimento social e noções de transculturalidade.

O Sociodrama pôs em ação tanto os afetos como as histórias, e ambas se interpenetram, e, é nesta síntese que a vinculação ao lugar e às pessoas se integra, demarcando os processos identitários dos protagonistas. Como lembra Santos (1996), a noção do lugar de origem do migrante não se esvai; todavia, é como se sua memória se tornasse inútil, pois é na inserção social ativa/consciente e mais vinculada à descoberta do que à experiência prévia (ou seja, mais ligada à *tele* do que à transferência), que o estranhamento ao lugar pode ser desfeito e a relação estabelecida.

Percebe-se o processo constitutivo da relação com o lugar, pelo caráter resolutivo e até conflituoso destas designações atribuídas pelas famílias, implicando-as na construção das relações em jogo. Santos (1996) lembra ainda que a memória é coletiva, enquanto o esquecimento é individual. Neste sentido, as vivências com o lugar só fornecem identidade se forem pautadas em relações interpessoais também, e não somente com o lugar (ou amistosas, ou massificadas), mas aquelas em que seus atores protagonizem cenas de vida, escrevendo suas histórias coletiva e dramaticamente. Em outras palavras, é a *contiguidade relacional* que “(...) funda a escala do cotidiano e seus parâmetros de co-presença, vizinhança, intimidade, emoção, cooperação e socialização” (Santos, 1996, p. 272).

Sobre o significado das novas condições multiculturais na retomada do vínculo social por parte do migrante, deve-se ressaltar, a partir da presente pesquisa, que, se o significado ao qual a questão se refere é uma noção intelectual de multicult-

turalidade, esta não imprime uma realidade multicultural, mas antes, uma condição etnocêntrica, “(...) *um sentimento suspeito* (que) (...) *determina uma linha divisória sutil entre os que estão de fora e os que são de dentro*” (Dinicola, 1994, p. 59), uma *curiosidade da diferença* como base de familiaridade com os estranhos.

Das características previstas à migração global, a saber, intenso movimento de diversidade e sincretismo cultural, cidadania internacional, mundo sem fronteiras, migração por escolha e desejo (em que o sujeito é protagonista de seu próprio destino), bem como o fim da migração forçada, a pesquisa revelou, principalmente, a ideia de se ser dono de seu próprio destino. As noções de mundo sem fronteiras e de sincretismo cultural apareceram como uma consciência inicial em relação à aceitação de povos diferentes, no sentido de se conceber um membro da família entre eles. Estas características da migração global não se revelaram incorporadas aos migrantes da pesquisa.

Quanto ao alcance da Socionomia no estudo da afetividade de famílias, pode-se considerar que os recursos conceituais e técnicos da Socionomia podem revelar categorias fundamentais de natureza psicossocial para a dinâmica do grupo familiar em geral, e da família migrante, em particular. Especificamente, a pesquisa deu relevo às seguintes discussões: sobre os fatores sócio emocionais na relação indivíduo-sociedade, em que se partiu do pressuposto de que há um “(...) *continuum* sócio emocional de relações (...)” (Moreno, 1994, p. 120) que relaciona indivíduo e sociedade; sobre a visão de homem em Moreno e as suas propostas psicossociais, relacionando-se o olhar e a construção conceitual do autor sobre o homem e a humanidade; sobre o valor emancipatório do Sociodrama, em que se vislumbra o alcance do método sociodramático em sua dimensão social participativa e libertadora.

Em geral, o método permitiu a “(...) *amplificação de cenas críticas emergentes em histórias sociais dramáticas protagonizadas pelos pesquisandos* (...) (de tal forma que) *as interações são exploradas não como relatadas, mas como reatuadas, corporificadas em tempo e espaço, no espaço em que os eventos ocorreram*” (Moreno, 1992, p. 98). Nesta perspectiva, as produções dramáticas fornecem e maximizam esta condição. A projeção de futuro incrementou ainda mais a extensão processual – de tal forma que, quando se falou de demarcação e de pertencimento estendido, indicou-se a construção deste processo específico.

Nos contextos relacionais da sociodinâmica moreniana (grupal, social e sociodramático), as ações do pesquisador ganham significado sócio cultural, na medida em que se aprofunda o plano da investigação pela intermediação dos que contracenam com os protagonistas (os ego auxiliares), possibilitando ao diretor-pesquisador, a proximidade interativa do seu papel, permitindo também, lidar com o conhecimento em movimento, na ação co-construída e coerente com o enfoque relacional, revelador das reciprocidades entre sujeito e mundo social, e fundamentado na inseparabilidade entre teoria e experiência.

A sequência intra e inter sessões permitiu a emergência de um *continuum* de construções históricas e relacionais, possibilitando confirmação e maximização do campo perceptivo/compreensivo, evidenciado especialmente nas co-criações do grupo como um todo. Estabeleceu-se valor ainda maior para este modo de procedimento quando se considerou a duplicidade (ou multiplicidade) da experiência de vinculação em lugares geograficamente distantes e culturalmente diversos. Desta forma, as relações em jogo ingressaram em um *continuum* de desenvolvimento, e, nesse contexto, os objetivos da pesquisa foram sendo acessados e significados pela percepção, consciência e interatividade afetiva crescentes.

A inserção do pesquisador na comunidade de pesquisados e vice-versa foi desenvolvida pela sua interação frente aos elementos temáticos próprios da experiência de migração, através dos sociodramas propostos. Na vivência mútua entre pesquisadores e participantes, estabeleceu-se o sentido das vivências dos investigados; do contato com os dados registrados, emergiram os parâmetros de análise, a partir dos quais, os aspectos pertinentes às questões básicas da pesquisa ganharam sentido, buscou-se coerência entre as bases teórico-conceituais, o modo de acessar a realidade e, também, de utilizá-la reflexivamente. Assim, pode-se dizer que os recursos teórico-metodológicos propostos por Moreno marcaram a pesquisa de modo inovador, profundo e coerente, mobilizador, participante e de ação interventiva.

As questões teórico-conceituais que sistematizaram a busca de conhecimento da migração familiar permitiram focar nos aspectos vinculares, sociais e culturais. Em toda a pesquisa, evidenciou-se a importância de utilizar uma abordagem que favorecesse tanto o valor afetivo, como o sócio cultural. Especificamente, em se tratando da família migrante, percebeu-se a associação de tais fatores como condição necessária à compreensão da natureza cultural e ideológica dos seus processos, em que se mobilizam aspectos de continuidade (histórica) e contiguidade (geográfica) relacional.

Por fim, pode-se dizer que a contribuição da Socionomia no estudo da afetividade de famílias migrantes revela-se nos seguintes aspectos da investigação: a concepção socionômica de grupo e o seu alcance na análise de famílias; as implicações teórico-metodológicas da investigação sociométrica de famílias; os eventos migratórios de famílias como questão social e psicológica; o construto da *afetividade circular* como elemento mediador e constitutivo da *familidade*.

Nesse contexto, o método permitiu: ampliar a percepção e compreensão da realidade em que os participantes estavam inseridos; acessar a história de migração e todo um arsenal disponível à ação dramatizada e complementar entre os atores da história, propiciando o *inter ato*; reconstruir discursos e ações pela significação emergente dos processos de co-criação do conhecimento; estabelecer procedimentos de codificação temática que facilitaram o acesso à contextualização da narrativa focada na investigação; valorizar os aspectos sócio culturais, emancipatórios, indicando possibilidades de reintegração social dos sujeitos da pesquisa, tal como sugerem os níveis de pertencimento propostos à família migrante.

Referindo-se ao conjunto da obra moreniana, Martin (1978) valorizou-a em três dimensões, as quais, o autor considera como “(...) *métodos de validação científica para suas técnicas terapêuticas*” (p. 109). Primeiramente, a valoração existencial, tendo o seu enraizamento na vida, “(...) *onde as criações no encontro são únicas e imediatas*” (p. 109). Segundo, a valoração estética, tendo esta desenvolvido os “(...) *princípios estéticos na psicoterapia a partir da herança do teatro e do drama literário*” (p. 109). E, terceiro, a valoração científica, a qual se refere ao fato de que “*o valor experimental dos métodos psicodramáticos de grupo já tem sido investigado com máxima amplitude e se tem mostrado verificável*” (p. 109).

Moreno exerceu grande criatividade em relação aos paradigmas científicos, rompendo com os limites impostos à ciência por concepções em que as relações sócio afetivas eram tratadas como um epifenômeno, ou o aspecto social do homem se definia por questões socioeconômicas. Ao buscar uma definição para o conceito de *grupo*, como comenta Fox (2002), Moreno ofereceu uma “(...) *resolutividade entre o individualismo de Freud e o socialismo de Marx*” (p. 41). A riqueza desta orientação te-

órico-metodológica está na associação das categorias científicas às vivenciais, na qual se incluem: a implicação de cada um como protagonista, as relações tomadas como vivência afetiva e o senso da existência humana compreendido como uma cadeia de filiação/ pertencimento.

Conclui-se que a experiência humana é, antes de tudo, uma experiência relacional, marcada pela história desses relacionamentos, considerada tanto em suas transformações vinculares, como em seus reposicionamentos sociais e institucionais.

REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Alameda.
- Dinicola, V. F. (1994). A linguagem pós-moderna da terapia: a ligação entre cultura e família. *Revista Família: Temas de Terapia Familiar e Ciências Sociais*. (1) 6: 55-65.
- Fonseca Filho, J. (1980). *Psicodrama da Loucura*. São Paulo: Ágora.
- Fonseca Filho, J. (1996). Ainda sobre a Matriz de Identidade. *Revista Brasileira de Psicodrama*. 4 (II): 21-34.
- Fox, J. (2002). *O essencial de Moreno: textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade*. São Paulo: Ágora.
- González-Rey, F. (2000). O emocional na constituição da subjetividade. Em S. T. M. Lane & Y. Araújo (Orgs.), *Arqueologia das emoções*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Knobel, A. M. A. C. (2001). Átomo Social: o pulsar das relações. In: Costa, R. P. (org.). *Um homem à frente do seu tempo. O Psicodrama de Moreno no século XXI*. São Paulo: Ágora.
- Martin, E. G. (1978). *J. L. Moreno: Psicologia do Encontro*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- Monteiro, A. M., Merengué, S. & Brito, V. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- Moreno, J. L. (1983). *Fundamentos do Psicodrama*. São Paulo: Summus Editorial.
- Moreno, J. L. (1992). *Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama*. V.1, Goiânia: Dimensão Editora.
- Moreno, J. L. (1993). *Psicodrama* (9ª ed.). São Paulo: Cultrix.
- Moreno, J. L. (1994). *Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama*. V.2, Goiânia: Dimensão Editora.
- Oliveira, S. K. de M. (2003). Circularidade Afetiva em famílias hoje. *Trabalho completo. IV Congresso Norte/Nordeste de Psicodrama*. Recife, 2003 (CD Room).
- Oliveira, S. K. de M. (2008). *Afetividade da família migrante: um estudo sociodramático*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília (UnB), Distrito Federal.
- Santos, M. (1996). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.
- Sawaia, B. (Org.) (1999). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Editora Vozes.

Quadro 1.
Análise do pertencimento: atitudes diferenciadas em relação ao pertencimento da família migrante

Diferenciações no Pertencimento	01	02	03	04	05	06	07
	Negação de Pertencimento	Busca Generalizada de Pertencimento	Busca Específica de Pertencimento	Pertencimento Específico Não-Congruente	Pertencimento Específico Congruente	Pertencimento Estendido Específico	Pertencimento Estendido Generalizado
Evolução do Lugar	REJEIÇÃO / INDIFFERENÇA			ESCOLHA / CONVERGÊNCIA AFETIVA		ACEITAÇÃO / VINCULAÇÃO	
	Rejeição Generalizada com negação generalizada de pertencimento	Rejeição Específica Com busca generalizada de pertencimento		Com busca específica de pertencimento		Não-congruente	Congruente
	Específica	Generalizada					
Continuidade Vincular	Não-Filado	Filado ao Futuro Inespecífico		Filado ao Passado como Futuro Específico	Filado ao Presente	Filado ao Passado e ao Presente (Dupla Filiação)	Filado ao Passado, ao Presente e ao Futuro (Múltipla Filiação)
Ligação Afetiva	Desvinculado	Busca em vínculo com lugar inespecífico	Busca em vínculo com outro lugar específico	Quer voltar a Fortaleza	Adotou São Paulo	Adotou São Paulo e quer continuar vinculado a Fortaleza	Adotou São Paulo, quer continuar vinculado a Fortaleza e quer outros vínculos

Fonte: Oliveira, S. K. de M. (2008). Afetividade da família migrante: um estudo sociodramático. Tese de doutorado. UnB: Distrito Federal

RECEBIDO EM: 04/05/2016

APROVADO EM: 30/06/2016